

Vulnerabilidade socioambiental, desastres naturais e mudança cultural: uma análise da Defesa Civil Municipal de Natal¹

Rylanneive Leonardo Pontes Teixeira (UFRN)

Os desastres naturais são fenômenos e desequilíbrios da natureza, causados ou não pela ação do homem, fazendo parte dos modos de vida e adquirindo, na atualidade, uma característica de ocorrência maior que em outras eras. O aumento da ocorrência desses desastres pode estar relacionado a desequilíbrios impulsionados por pressão social e cultural, interferindo no equilíbrio dos ecossistemas naturais. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo apreender as continuidades e discontinuidades sociais e culturais vividas pela população de Natal, provocadas pela ocorrência de desastres de origem natural em áreas vulneráveis e de riscos. A metodologia configura-se por uma pesquisa qualitativa com um estudo de caso da Defesa Civil Municipal de Natal, buscando perceber se a instituição e a população de Natal estão preparadas para uma mudança cultural em situações de desastres naturais; e caso sim, de que forma. Ademais, para a realização do trabalho, utilizamos como instrumento de coleta de dados as entrevistas semi-estruturadas, fazendo uso, no intuito de analisar e interpretar os dados, da triangulação de métodos como técnica de análise. Toda a pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2016. A conclusão da pesquisa resultou na identificação da vulnerabilidade socioambiental e dos desastres naturais como uma problemática sociocultural que ainda está impregnada na cidade do Natal, sendo que há tempos que o município vem passando por problemas e/ou desafios referentes à questão, causando perdas às pessoas, materiais e, até mesmo, familiares; mas que ainda não existe uma modificação do comportamento cultural e que incida sobre as políticas públicas.

Palavras-chave: Cidades; Desastres; Vulnerabilidade.

Introdução

Os desastres naturais consistem em fenômenos e desequilíbrios da natureza, causados ou não pela ação antrópica, fazendo parte dos modos de vida da sociedade e adquirindo, na contemporaneidade, uma característica de ocorrência maior do que em outras eras, tanto da evolução da natureza quanto das formas de sociedade.

O aumento da ocorrência de desastres dessa natureza pode estar relacionado a desequilíbrios impulsionados por pressão social e cultural, interferindo no equilíbrio dos ecossistemas naturais. Ademais, este aumento pode indicar a discontinuidade nas formas de organização das comunidades na medida em que as populações atingidas por esses eventos, principalmente, as mais pobres, estão mais suscetíveis e vulneráveis às consequências e aos riscos provocados pela ocorrência dos mesmos.

A ampliação do número de desastres naturais tem levado ao aumento, também, da quantidade de feridos e mortos, como também de desmoronamento de prédios (habitações, comércios, entre outros). Isso se dá em virtude da concentração de

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

indivíduos ou grupos sociais em áreas em situações de risco ambiental (encostas, por exemplo).

Tendo em vista que Natal é uma cidade que vem passando por situações de vulnerabilidades e riscos socioambientais há bastante tempo, realidade não distinta de outros países do mundo, em especial, subdesenvolvidos, o presente artigo é de fundamental importância ao passo que permite perceber se a Defesa Civil Municipal e o morador de Natal, a partir de uma visão e análise deles, estão preparados para uma mudança cultural em situações de desastres naturais; e, caso sim, de que forma.

Nesse sentido, com o objetivo de apreender as continuidades e discontinuidades sociais e culturais vividas pelas populações de Natal, provocadas pela ocorrência de desastres naturais em áreas vulneráveis e de riscos, a metodologia deste trabalho configura-se por uma pesquisa que segue as orientações de uma abordagem qualitativa, onde é realizado o levantamento do referencial teórico sobre as temáticas a serem discutidas; assim como um estudo de caso, fazendo uso de entrevistas semi-estruturadas como instrumento de coleta de dados.

Sendo assim, este trabalho é constituído, junto à introdução e às considerações finais, por três momentos. O primeiro é responsável pelo levantamento do referencial teórico; o segundo momento traz os seus procedimentos metodológicos; e o terceiro e último possibilita a breve caracterização da Defesa Civil Municipal de Natal, e a análise dos dados obtidos com a pesquisa de campo realizada com o gestor dessa instituição e um morador da cidade.

1 Vulnerabilidades, desastres e mudança cultural: uma abordagem de inter-relação

1.1 Vulnerabilidades: apontamentos sobre as dimensões social, ambiental e socioambiental

Do latim *vulnerabile*, vulnerabilidade consiste na qualidade do que é vulnerável (FONSECA, 2007), sendo classificada em três dimensões. São elas: social, ambiental e socioambiental.

No que se refere à dimensão social da vulnerabilidade, Alves (2006) assinala que essa dimensão da vulnerabilidade vem sendo utilizada por muitos estudiosos e muitas

organizações internacionais (como o Banco Mundial) no decorrer dos últimos anos, numa vertente que vai além da ótica tradicional de métodos de mensuração a qual se baseia na renda monetária e em medidas fixas, como é o caso da linha da pobreza.

Hogan e Marandola Jr. (2006) compreendem que estudar as desigualdades existentes numa sociedade baseia-se em ler e analisar a sociedade de classes, onde os mais distintos segmentos dessa sociedade apresentam as mais variadas oportunidades de vida. Sendo assim, o conceito de vulnerabilidade, em alguns momentos, é interligado às desvantagens sociais, que são simultaneamente produtoras, e reflexos e produtos da pobreza. Ainda nesse contexto, Abramovay *et al.* (2002) comentam que os estudos que têm emergido nas últimas décadas sobre vulnerabilidade social são motivados a discutir as várias formas de desvantagens sociais, e não apenas a pobreza em seu modo integral e completo.

Na discussão que se tem sobre a vulnerabilidade social, interpretamos, portanto, que esta dimensão da vulnerabilidade busca discutir todas as formas de desvantagens sociais, no entanto, a mais discutida é a pobreza, configurada como um elemento integrante da vulnerabilidade social.

Em relação à dimensão ambiental da vulnerabilidade, percebemos que ela vem sendo empregada pelos mais variados teóricos desde a década de 1990, época que se caracterizou pela ocorrência de perigos de origem natural em muitas partes do mundo, sendo as inundações exemplos de tais perigos, conforme pode ser visto em Chaves (2009).

Nesse sentido, Braga, Oliveira e Givisiez (2006) comentam que os desastres ou as catástrofes naturais não atingem igualmente todos os indivíduos. É nesse contexto que se insere a abordagem de que os indivíduos ou grupos sociais mais pobres são os mais afetados diretamente por tais eventos, isso se justificando pelo fato de os mesmos habitarem localidades que estão expostas a perigos e sobreviverem em condições de pobreza (CHAVES, 2009). A respeito disso, Pessoa (2014) aponta que exemplo de áreas expostas a perigos é as favelas.

Desta forma, a vulnerabilidade ambiental é compreendida como aquela associada à vulnerabilidade do lugar, relacionando-se aos aspectos sociais, percebendo, nesse sentido, a suscetibilidade dos indivíduos ou grupos sociais que estão inseridos

neste meio. Esses indivíduos ou grupos sociais tornam-se mais vulneráveis quando habitam áreas mais sensíveis à ocorrência de desastres.

Diante dessa análise, percebemos que as dimensões social e ambiental da vulnerabilidade se relacionam, sendo com base nessa relação que a dimensão socioambiental da vulnerabilidade pode ser refletida. Seguindo essa linha de discussão, de acordo com a compreensão de Bastos (2015), a vulnerabilidade socioambiental pode ser vista quando ocorre a exposição das populações a riscos ambientais, tornando-as vulneráveis a eventos de origem natural.

A vulnerabilidade socioambiental é considerada por Alves (2006, p. 48) como aquela que “pode captar e traduzir os fenômenos de sobreposição espacial e interação entre os problemas sociais e ambientais, sendo adequada para uma análise da dimensão socioambiental (e espacial) da pobreza”.

Sendo assim, observamos que a noção de vulnerabilidade social “anda” lado a lado da ambiental, sendo exatamente essa integração entre estas duas dimensões da vulnerabilidade que dá emergência a vulnerabilidade socioambiental e sua conceituação. Ou seja, a vulnerabilidade socioambiental consiste naquela dimensão que correlaciona a sociedade à natureza, analisando as esferas social e ambiental da vulnerabilidade de maneira integrada.

1.2 Desastres e sua dimensão natural

Na sociedade contemporânea, a discussão e o debate sobre os desastres têm sido bastante levantados, sendo os desastres diferenciados em três categorias e abordados em uma vertente principal, a de origem natural. Nesse sentido, podemos conceituar os desastres como “resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema (vulnerável), causando danos humanos, materiais e ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais” (DE CASTRO, 1999 *apud* KOBİYAMA *et al.*, 2006, p. 7).

De Castro (1999) classifica os desastres quanto à sua intensidade, evolução e origem. De acordo com o autor, em relação à origem, podemos diferenciá-los em três tipos: i, humanos, aqueles resultantes de ações ou atividades vindas do homem; ii, naturais, consistentes naqueles que são produtos de fenômenos ou desequilíbrios da natureza, provocados por elementos de natureza externa, de forma independente à ação

antrópica; e iii, mistos, aqueles atrelados às ações ou omissões do homem, as quais colaboram para a intensificação, a complicação e o agravamento dos desastres naturais.

De acordo com o autor referenciado, os desastres naturais são classificados, no que diz respeito à sua causa primária, quanto à origem sideral², relação com os desequilíbrios na biocenose³ e ligação com a dinâmica interna ou externa da Terra.

No tocante à origem sideral, o autor exemplifica os desastres naturais de origem sideral como aqueles resultantes do impacto de meteoritos sobre a superfície terrestre; e, no que tange sua relação com os desequilíbrios na biocenose, menciona as pragas animais e vegetais como exemplos. Ademais, assinala que os desastres naturais podem estar correlacionados à dinâmica interna ou externa da Terra: os ligados à dinâmica interna da Terra são aqueles eventos ou fenômenos internos causados pela movimentação das placas tectônicas, com reflexo na superfície do planeta, como os *tsunamis*; enquanto os relacionados à dinâmica externa têm, como o próprio nome já diz, origem externa, ocasionada pela dinâmica atmosférica (as inundações, por exemplo).

Conforme a literatura de Kobiyama *et al.* (2006), os desastres naturais podem ser potencializados por ações antrópicas inadequadas. Como exemplo de agravantes humanos, podemos citar, ainda de acordo com Kobiyama *et al.* (2006), a emissão de gases nocivos, que pode gerar chuvas ácidas.

1.3 Antropologia dos Desastres: uma abordagem histórica e conceitual

Até o início do século XXI, não se discutia acerca dos desastres na Antropologia e nas Ciências Sociais brasileiras, tendo sido a partir desse século, mais precisamente, dos aproximadamente últimos 10 anos, que começou a ser dado início a esta discussão, com uma série de fatos, fragmentada em três linhas (também conhecidas como “frentes”) distintas (TADDEI, 2014, p. 34):

- 1) a ocorrência de desastres de grande visibilidade na região Sudeste do Brasil, que nos ocasionaram transformações no aparato estatal ligado aos desastres no país; 2) a ocorrência de desastres internacionais de grandes dimensões, que afetaram o Brasil de formas inéditas e 3) uma série de

² Referente ou pertencente aos astros ou às estrelas.

³ No campo da Biologia, biocenose consiste num conjunto de populações das mais variadas espécies que habita uma mesma região num certo período.

desenvolvimentos na área de teorias sociais que colocam a questão dos desastres em novas chaves de análise.

Percebemos, diante da colocação do autor, que as discussões no Brasil sobre os desastres nos campos da Antropologia e das Ciências Sociais começaram recentemente, a cerca de 10 anos. Vieram a ocorrer vários episódios, desde o cenário nacional até o internacional. Como exemplos citados por Taddei (2014), temos, no tocante a primeira frente, o Furacão Catarina (em Florianópolis, no estado de Santa Catarina), os terremotos no Rio Grande do Norte e as secas na região Nordeste; já em relação aos desastres a nível internacional, que atingiram também o Brasil, podemos mencionar o tsunami ocorrido no Oceano Índico, em dezembro de 2004.

A partir deste momento, é que podemos discutir especificamente a respeito da antropologia voltada aos estudos dos desastres, onde Hoffman e Oliver-Smith (1999), assinalados em López (1999), apontam que existem quatro perspectivas principais para se estudar a antropologia voltada aos desastres: Perspectiva Histórica e Arqueológica, Ecologia Política, Perspectiva Sociocultural e de Comportamento, e Antropologia Aplicada. López (1999) assinala que estas perspectivas, além de se relacionarem entre si, complementam as investigações realizadas em outras disciplinas, ou seja, campos do conhecimento.

Entendemos, desta forma, que a Antropologia dos Desastres estuda os desastres desde sua história, com abordagens em seus aspectos históricos e de origem, até o momento de um estudo da Antropologia sob o viés da análise e solução dos problemas relacionados aos desastres, principalmente aqueles de origens naturais.

No tocante à política e ao poder na investigação antropológica sobre os desastres, Rubio (2002, p. 96) menciona as temáticas relacionadas: “el desastre como puntualidad y causa para la socialización y movilización ciudadana; y [...] la catástrofe que ocasiona cambios que muestran las relaciones alteradas con el Estado”⁴. Em ambos os temas, de acordo com o autor referenciado, há um interesse no exame de como desastres se formam, desestabilizam ou destroem as organizações e relações sociais.

Num contexto mais específico aos desastres de origem natural, Rubio (2002) assinala que as contribuições da Antropologia para os desastres naturais avaliam se os

⁴ O desastre como pontualidade e causa para socialização e mobilização cidadã; e a catástrofe que ocasiona mudanças que mostram as relações alteradas com o Estado.

estudos voltados para esse tipo de desastres ocorreram preferencialmente de maneira externa ao continente europeu. Partindo da premissa que um conjunto de elementos gera danos e, até mesmo, perdas aos principais elementos sociais, bem como às instalações físicas de uma determinada comunidade, o autor citado comenta que a Antropologia oferece três posições ao princípio do estudo sobre perigos e desastres naturais. São elas: a tradição histórica, a estrutura e a organização social; as desgraças num contexto de inovações sociais e culturais; e a mudança em longo prazo numa perspectiva de reconstrução depois da ocorrência dos desastres.

A Antropologia direcionada para as pesquisas e os estudos dos desastres, emergida recentemente, consiste em um subcampo da Antropologia, o qual direciona seus estudos aos desastres, sobretudo, de origem natural, discutindo desde seu caráter histórico e de origem até uma Antropologia Aplicada. O estudo antropológico dos desastres, assim como a área da Antropologia em si, segue as tradições, bem como os métodos investigativos adotados por outros campos do conhecimento, como é o caso da Ciências Sociais.

1.4 Mudança cultural: uma percepção de relação com os desastres naturais

Derivado do latim, cultura é, para o Dicionário do Aurélio, o ato de cultivar, estando relacionado ao ambiente agrário e as necessidades produtivas da terra. Além disso, ainda de acordo com este Dicionário, o termo *cultura* é a aplicação do espírito a um estudo ou trabalho intelectual.

Na ciência, mais precisamente, no âmbito da Antropologia, a cultura é considerada como o:

[...] resultado de um processo contínuo e dinâmico de construção e reconstrução da realidade por meio da interação social, da qual surgem esforços para a satisfação das necessidades básicas do ser humano: necessidades biológicas (do organismo), sociais (relativas às interações interpessoais) e socioinstitucionais, ou seja, aquelas referentes à sobrevivência e bem-estar dos grupos (TAMAYO, 2000 *apud* GUZI e CARTAGENA, 2010, p. 74).

Além das definições aqui assinaladas, a expressão *cultura* é comumente atrelada aos costumes, valores, condutas, entre outros, de um determinado indivíduo, grupo social ou povo. A cultura de um indivíduo, grupo social ou povo pode passar por transformações que não são percebidas no contexto dos riscos de desastres naturais.

Nesse contexto, Guzi e Cartagena (2010) supõem que, se a cultura é caracterizada pela relação dos indivíduos com o meio em que estão inseridos, suas construções históricas, suas necessidades e satisfações, e também suas maneiras de organização em grupos e seus líderes, em constante e dinâmica evolução, o ponto central da discussão sobre a mudança de valores que se pretende promover numa sociedade é a própria cultura. As autoras referenciadas elucidam esta discussão com o exemplo a seguir: “Compreender, por exemplo, quais as motivações que levam um indivíduo a ocupar, reconhecidamente, uma área de risco, e assim atribuir diferentes valores às vulnerabilidades a que está sujeito e aos benefícios que pensa tirar delas” (GUZI e CARTAGENA, 2010, p. 74).

Na atualidade, o que se tem ocorrido é a orientação da sociedade e sua população a atuarem sobre o desastre após sua ocorrência (GUZI e CARTAGENA, 2010). Só assim para que as pessoas se mobilizem no sentido de procurar respostas para tal desastre. A atuação das instituições responsáveis pela proteção e defesa civil de uma determinada área (cidade, estado ou país), na maioria dos casos, só ocorre depois que o desastre tem acontecido, apesar de existir instrumentos que regulamentem a prevenção dos desastres. Isso acontece, principalmente, quando falamos dos desastres de origem natural.

Sobre a mudança cultural que se pretende promover em uma sociedade sujeita a riscos de ocorrência de desastres naturais, as autoras referenciadas apontam que, quando falam de tal mudança, “estamos falando também em percepção de risco, em valores atribuídos a ameaças, vulnerabilidades, riscos e aos benefícios deles extraídos” (GUZI e CARTAGENA, 2010, p. 74). Nesse sentido, as autoras comentam que a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) afirma que a cultura consiste em um dos cinco fatores influenciadores da percepção de riscos, em que os mais variados estudos apontam que o risco é percebido de forma diferenciada pela população.

Pettigrew (1979) e Hofstede (1991), em Guzi e Cartagena (2010, p. 78), afirmam que “um indivíduo construirá seus valores de acordo com sua vivência e aceitação histórica, e/ou a partir das suas necessidades edificadas em um determinado contexto de tempo e espaço”. Levando em consideração as interpretações de Guzi e Cartagena (2010), percebemos, com a finalidade de construir a cultura de riscos de desastres, que devemos investir, enquanto construção histórica, no aprimoramento dos processos de

educação desde a infância, para que possamos conseguir uma mudança cultural e de comportamento no decorrer dos anos; e, por outro lado, investir na criação de espaços que permitem a renúncia dos atuais valores, para que os novos valores sejam passados e apreendidos.

A cultura, muito ligada ao ambiente agrário, mas também, aos costumes, valores etc. de um determinado indivíduo, grupo social ou povo, é algo que pode ser passado por transformações; todavia, para que isso ocorra, são necessários ações e processos contínuos que perduram por muito tempo. E isso ocorre com os desastres naturais na medida em que, para que desastres desse tipo diminuam ou, até mesmo, parem de acontecer, precisamos de um processo de mudança e reconstrução cultural no comportamento das pessoas, em que estas sejam sujeitas a processos educativos no intento de mudar suas atitudes e práticas no meio onde vive e reside.

2 Metodologia

A metodologia do presente artigo segue as orientações de uma pesquisa com abordagem qualitativa, definida por Deslauriers e Kérisit (2010), em Poupart *et al.* (2010), como aquela utilizada para explorar determinadas questões, assim como descrever uma situação social, permitindo este tipo de pesquisa aproximar o pesquisador dos fenômenos sociais em estudo.

O método de pesquisa utilizado é o estudo de caso, que tem por objetivo, de acordo com Yin (2001), incorporar abordagens específicas à análise e coleta de dados. Numa perspectiva qualitativa, um estudo de caso apresenta cinco características essenciais, conforme apontadas a seguir por Coutinho e Chaves (2002, p. 224):

- O caso é “um sistema limitado” — logo tem fronteiras “em termos de tempo, eventos ou processos” e que “nem sempre são claras e precisas” (Creswell, 1994): a primeira tarefa do investigador é pois definir as fronteiras do “seu” caso de forma clara e precisa.
- Segundo, é um caso sobre “algo”, que há que identificar para conferir foco e direcção à investigação.
- Terceiro, tem de haver sempre a preocupação de preservar o carácter “único, específico, diferente, complexo do caso” (Mertens, 1998); a palavra holístico é muitas vezes usada nesse sentido.
- Quarto, a investigação decorre em ambiente natural.
- Quinto, o investigador recorre a fontes múltiplas de dados e a métodos de recolha muito diversificados: observações directas e indirectas, entrevistas, questionários, narrativas, registos, áudio e vídeo, diários, cartas, documentos, etc.

O recorte territorial estabelecido para a pesquisa e posterior desenvolvimento deste trabalho é a cidade do Natal, localizada no estado do Rio Grande do Norte (RN), no Brasil, tendo sido toda a pesquisa realizada no decorrer do primeiro semestre (janeiro a junho) do ano de 2016.

Quanto aos sujeitos chaves para a realização da pesquisa do trabalho foram selecionados levando-se em consideração a atuação do gestor na Defesa Civil Municipal de Natal e a residência do morador na cidade. Tais sujeitos são os mencionados a seguir, junto a eles estão suas respectivas datas de entrevistas: Morador – Madson Nicolas, morador da cidade do Natal, no dia 01 de junho de 2016; e Gestor – Pedro Celestino Júnior, secretário adjunto da Secretaria Adjunta da Defesa Civil e Direitos Humanos de Natal, no dia 06 de junho de 2016.

O instrumento de coleta de dados empregado, no intuito de ter uma coleta mais efetiva, é as entrevistas semi-estruturadas, as quais consistem, segundo Minayo (1994 (*apud* LIMA, ALMEIDA e LIMA, 1999), em um instrumento de coleta de dados que proporciona a obtenção de dados e informações através de uma fala individual. Os roteiros foram elaborados e organizados levando em conta um roteiro de questões abertas, que possibilita analisar os dados relativos à discussão de vulnerabilidade socioambiental, desastres naturais e mudança cultural na vertente de riscos de desastres de origem natural.

Já no que diz respeito à técnica de análise dos dados, fizemos uso da avaliação por triangulação de métodos de Minayo, Assis e Souza (2005), técnica esta que integra a “descrição”, “análise” e “interpretação” dos dados; e é empregada de modo conjunto depois dos questionamentos indagados e levantados aos entrevistados.

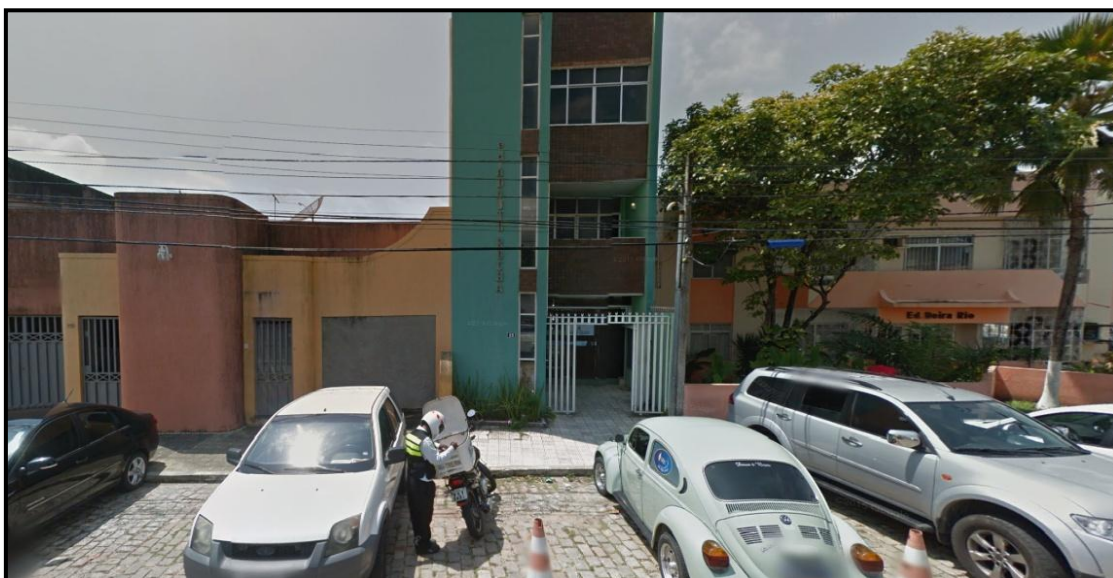
3 Desastres naturais e mudança cultural na cidade do Natal/RN: o “olhar” do gestor da Defesa Civil Municipal e do morador de Natal

Neste momento do trabalho, temos por finalidade apresentar e analisar os dados obtidos com a pesquisa de campo realizada com o gestor da Secretaria Adjunta da Defesa Civil e Direitos Humanos de Natal (mais conhecida como “Defesa Civil Municipal de Natal”) e o morador da cidade que já esteve em situação de desastre natural. Buscamos, com isso, perceber se tanto a Defesa Civil Municipal de Natal quanto o morador desta cidade estão preparados para uma mudança cultural em

situações de desastres naturais. Esse momento é de fundamental importância ao passo que permite analisar, numa perspectiva comparativa, as análises do gestor da instituição e do morador de Natal, procurando perceber as convergências e divergências entre tais informações.

A Defesa Civil Municipal (DCM) de Natal é, atualmente, pertencente à estrutura organizacional da Secretaria Municipal de Segurança Pública e Defesa Social (SEMDES) do município de Natal, a qual está localizada no Edifício Adauto Rocha, na Rua Quintino Bocaiuva, nº 13, no bairro de Cidade Alta, no centro da cidade do Natal, conforme é ilustrado na figura 1.

Figura 1 – Localização da Defesa Civil Municipal (DCM) de Natal



Fonte: Acervo do autor

A partir do que foi assinalado acima, temos os quadros a seguir, juntamente com suas análises, nos permitindo observar seus elementos de convergência e/ou divergência.

O quadro 1, com o objetivo de compreender o conceito de mudança cultural no contexto dos desastres naturais, permite observar que a mudança cultural da sociedade, de acordo com o gestor da DCM de Natal, estaria atrelada à atitudes e/ou ações de prevenção, pontuando que o trabalho de prevenção apresenta uma importante função. Enquanto isso, o morador de Natal entende a mudança cultural, neste sentido, como sendo a mudança do seu ambiente atual para outro (casa, cidade ou, até mesmo, país) ou, ainda, a transformação de seus costumes.

Quadro 1 – Concepção de mudança cultural de acordo com o gestor da Defesa Civil Municipal e o morador de Natal

Entrevistado/Eixo	Compreensão do conceito de mudança cultural na perspectiva dos desastres naturais
Gestor	Desastre natural é aquele que ocorre sem a interferência do homem, no entanto, os desastres que ocorrem nos centros urbanos ou em áreas ribeirinhas deve ser entendido não como um desastre natural, para isso, o trabalho de prevenção tem um papel importante. Debater com a sociedade, mostrando os riscos que estão sujeitos já é um bom começo.
Morador	Mudança do seu ambiente, como mudança de casa, cidade, país ou de costumes.

Fonte: Elaboração própria, 2016

No quadro 2, observamos que o gestor da DCM de Natal considera a instituição preparada para lidar com uma possível mudança cultural em situação de desastre natural, mesmo percebendo a importância de um concurso para melhor equipar o quadro de funcionários da mesma. O morador não se sente preparado, tão pouco treinado, para uma possível migração de casa/cidade/país ou modificação de seus costumes, em caso de ocorrência de algum desastre de origem natural.

Quadro 2 – Preparação da população e da Defesa Civil Municipal de Natal para uma possível mudança cultural em caso de desastres naturais

Entrevistado/Eixo	A população e a Defesa Civil Municipal de Natal estão preparadas para uma possível mudança cultural em situação de desastres naturais?
Gestor	[...] acredito que sim. Mas um concurso para equipar o quadro de funcionário se faz importante.
Morador	Não, pois não somos preparados ou treinados para isso.

Fonte: Elaboração própria, 2016

O quadro 3 nos permite observar e perceber, tomando como base as entrevistas feitas, que o gestor acusa que a população natalense, antes da criação da DCM de Natal, tratava a questão dos desastres naturais com desprezo, por pensar que nada poderia acontecer. Após sua criação, com seu funcionamento efetivo desde o ano de 2011 (TEIXEIRA, 2016), o gestor, assim como o morador, aponta que houve mudanças de comportamento por parte da população, tendo em vista que esta passou a procurar a

Defesa Civil e seus agentes, recorrendo-a no que se refere, por exemplo, a como proceder em situações de riscos à desastres naturais.

Quadro 3 – Comportamento da população de Natal em situações de desastres naturais antes e depois da criação da Defesa Civil Municipal de Natal

Entrevistado/Eixo	Comportamento da população em situações de desastres naturais: mudanças, incorporação de novos valores?	
	Antes da criação da Defesa Civil Municipal de Natal	Depois da criação da Defesa Civil Municipal de Natal
Gestor	Com total desprezo aos riscos que estão submetidos. Sempre acham que não vai acontecer nada.	Acredito que a atuação da Defesa Civil, logo depois de sua criação e capacitação dos agentes, fez despertar na população um sentimento de preocupação. Com o ocorrido no Bairro de Mãe Luiza, a Defesa Civil de Natal ganhou destaque; e as pessoas que moram em áreas de risco, frequentemente, entram em contato para avaliar as situações das moradias. A qualquer sinal de perigo, a Defesa Civil é acionada. A incorporação de novos valores, que presenciei, foi basicamente ver a Defesa Civil como um aliado.
Morador	Não sei lhe informar, pois pelo que eu sei, após meu nascimento, essa foi a única vez que ocorreu um desastre natural. Ocorreu antes do meu nascimento, onde uma escadaria desabou por deslizamento. Como não estava lá, não sei como foi o comportamento do pessoal.	[...] o comportamento foi modificado a partir de agora, pois temos a quem recorrer e buscar informações como proceder em determinadas situações.

Fonte: Elaboração própria, 2016

No quadro 4, notaremos que tanto o gestor da DCM quanto o morador de Natal apontam que o aumento do número de desastres de origem natural, na cidade, está sim associado às descontinuidades na organização dos indivíduos do município. No entanto, nesse sentido, o primeiro entrevistado comenta que possa não existir esse determinado aumento, quando fala “[...] se é que há um aumento [...]” (GESTOR, 2016).

Quadro 4 – Desastres naturais e descontinuidade na organização da população: perspectivas do gestor da Defesa Civil Municipal e do morador de Natal

Entrevistado/Eixo	O aumento do número de desastres naturais está relacionado à descontinuidade na organização da população?
Gestor	O aumento de desastre, na minha opinião (se é que há um aumento), está associado a uma demanda crescente por moradia.
Morador	Em alguns casos sim, morar em área de risco é falta de organização da população, porém, o governo tem que orientar a população antes ou no início de suas construções. De acordo com minha avó, quando ela foi construir a casa em Mãe Luiza, ninguém foi lá dizer algo.

Fonte: Elaboração própria, 2016

O quadro 5, relativo à como as pessoas absorvem em suas vidas pessoais à ocorrência de um ou mais desastre natural, ambos os entrevistados responderam de maneira bem sucinta, em que somente a resposta do morador seguiu a indagação realizada, apontando que os indivíduos, os quais passam ou estão em situação de desastre natural, absorvem o fato da ocorrência desse desastre como uma forma de superação. Em outras palavras, ter sobrevivido a um desastre dessa natureza, mesmo que com ferimentos, perdas materiais ou, até mesmo, familiares, estes indivíduos, subjetivamente, enxergam esse ocorrido como uma forma de superação pessoal.

Quadro 5 – Absorção dos desastres naturais pela população de Natal a partir da visão do gestor da Defesa Civil Municipal e do morador de Natal

Entrevistado/Eixo	Como as pessoas absorvem em suas vidas a ocorrência de um desastre natural
Gestor	Acredito que o desconhecimento de informações técnicas gera a sensação de insegurança. Na medida que a população vai se deparando com informações e orientações, a percepção de desastre vai sendo criada, tornando uma prática cotidiana.
Morador	Como forma de superação.

Fonte: Elaboração própria, 2016

O quadro 6 nos permite analisar, de acordo com o gestor da DCM e do morador de Natal, por quais processos contínuos e descontínuos passam as pessoas da cidade do Natal quando em situação de risco à desastre natural. Nesse sentido, pudemos perceber, no que se refere às continuidades, que ambos os entrevistados apontam como processos

contínuos após a ocorrência de um desastre natural a migração das pessoas para outras casas (principalmente, por meio de aluguel) no mesmo bairro ou em outros bairros da cidade; e a debilidade da saúde das pessoas, em particular, idosas. Quanto às discontinuidades, também houve convergências, onde foi assinalado o fato de casas, de modo geral, terem parado de apresentar problemas em sua estrutura (rachaduras, por exemplo).

Quadro 6 – Continuidades e discontinuidades que a população de Natal passa quando está em situação de risco à desastres naturais

Entrevistado/Eixo	Quais as continuidades e discontinuidades que a população de Natal passa quando em situações de risco à desastres naturais?	
	Continuidades	Descontinuidades
Gestor	Apesar de alguns já terem voltado para suas casas, algumas pessoas estão morando de aluguel no próprio bairro e em outros lugares. A saúde das pessoas também fica bastante debilitada, principalmente, das pessoas que sejam atingidas diretamente e dos idosos.	Acredito que a principal discontinuidade trata-se da paralisação ou, pelo menos, diminuição de problemas estruturais das casas, dos comércios e etc..
Morador	O problema que resultou do incidente foi a questão da moradia, pois muitos perderam as casas e outros tiveram casas interditadas. Alguns já voltaram para suas casas, porém os que não voltaram estão morando de aluguel, o governo ajuda dando um valor para pagar o aluguel, mas muitas vezes atras de 1 a 3 meses, deixando os moradores em situação difícil, visto que muitos são de baixa renda. Além do mais, A saúde de muitos ficaram um pouco abaladas, principalmente do pessoal idoso.	As casas pararam de ter danos estruturais após a reforma da rua e escadaria. As pessoas que tinham algum comércio, percebi que eles tiveram um pouco de depressão; hoje, como muitos se afastaram da minha rua, não sei falar de todos, mas os que vejo estão bem melhor.

Fonte: Elaboração própria, 2016

Partindo da discussão acima, observamos que os dados obtidos na pesquisa de campo possibilitam enxergar as convergências e divergências existentes entre as perspectivas do gestor da DCM de Natal e do morador desta cidade, podendo ser constatado, no contexto desses aspectos de convergência e divergência, que nem a instituição analisada, tão pouca a população (a partir da análise obtida através do morador), se sentem preparadas para uma mudança cultural em situação de ocorrência de um desastre de origem natural, percebendo, nesse contexto, continuidades e discontinuidades a serem enfrentadas.

Conclusão

A vulnerabilidade socioambiental e os desastres naturais consistem em uma problemática sociocultural que ainda está impregnada na cidade do Natal, sendo que há tempos que o município vem passando por problemas e/ou desafios referentes à questão, causando perdas às pessoas, materiais e, até mesmo, familiares; no entanto que ainda não existe uma modificação do comportamento cultural e que incida sobre as políticas públicas.

A partir da análise das entrevistas, mais especificamente, em relação à concepção de mudança cultural na perspectiva dos desastres naturais, constatamos que a mudança cultural se atrela à mudança de costumes, seguindo, em partes, o que foi estabelecido sobre cultura e mudança cultural na revisão bibliográfica deste trabalho. Essa afirmação pode ser estabelecida em razão do entrevistado Morador ter definido como mudança cultural a mudança de costumes.

As contribuições deste trabalho servem de base para a compreensão da mudança de comportamento e cultural dos atores sociais (população) e políticos (Defesa Civil Municipal) de Natal no contexto da percepção dos riscos à ocorrência de desastres naturais, onde foi possível, por meio dessa análise e investigação, perceber que a cidade do Natal e sua população como um todo não estão preparadas para uma mudança no contexto mencionado. Juntamente a isso, o estudo possibilitou a percepção dos processos contínuos e descontínuos por quais passam os moradores de Natal em situação de risco à desastres naturais.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**, 2002.

ALVES, Humberto Prates da Fonseca. Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulistana: uma análise sociodemográfica das situações de sobreposição espacial de problemas e riscos sociais e ambientais. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 23, n. 1, pp. 43-59, 2006.

BASTOS, Valéria Pereira. **O fim do lixão de Gramacho**: além do risco ambiental. *O Social em Questão* - Ano XVIII - no 33 - 2015, pp. 265-288.

BRAGA, Tania Moreira; OLIVEIRA, Elzira Lucia de; GIVISIEZ, Gustavo Henrique Naves. Avaliação de metodologias de mensuração de risco e vulnerabilidade social a desastres naturais associados à mudança climática. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, pp. 81-95, 2006.

CHAVES, Sammya Vanessa Vieira. **A vulnerabilidade socioambiental em Teresina, Piauí**. 2009. 176f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Piauí.

COUTINHO, Clara; CHAVES, José. **O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal**. Revista Portuguesa de Educação, 15(1), 2002, pp. 221-244.

DE CASTRO, Antônio Luiz Coimbra. **Manual de planejamento em defesa civil**. Ministério da Integração Nacional, Secretaria Nacional de Defesa Civil, 1999.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. **Significado de cultura**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/cultura>>. Acesso em: 20 de jun. de 2016.

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. **A origem dos vocábulos vulnerável e vulnerabilidade**. 2007. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-dos-vocabulos-vulneravel-e-vulnerabilidade/22144>>. Acesso em: 20 de jun. de 2016.

GESTOR – Pedro Celestino Júnior, Secretário Adjunto da Secretaria Adjunta da Defesa Civil e Direitos Humanos de Natal. Natal/RN, 06 de junho de 2016.

GUZI, Diane; CARTAGENA, Sarah. Mudança cultural e percepção de riscos de desastres. **Revista Com Ciência Ambiental**, São Paulo, ano 5, n. 27, pp. 72-81, jul. 2010.

HOGAN, D. J.; MARANDOLA JR., E. Para uma conceituação interdisciplinar de vulnerabilidade. In: CUNHA, J. M. P. (Org.). **Novas Metrôpoles Paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: NEPO/Unicamp, 2006, pp. 23-50.

KOBIYAMA, Masatoet *al.* **Prevenção de desastres naturais: conceitos básicos**. Curitiba: Organic Trading, 2006.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem. **Revista gaúcha de enfermagem**. Porto Alegre. Vol. 20, n. especial (1999), pp. 130-142, 1999.

LÓPEZ, Marisa. La contribución de la Antropología al estudio de los desastres: el caso del Huracán Mitchen Honduras y Nicaragua. **Revista del Instituto Hondureño de antropología e Historia, YAXKIN**, v. 18, pp. 5-18, 1999.

MINAYO, Maria Cecília; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. / MINAYO, Maria Cecília; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Rio de Janeiro (ORGs.): Editora Fiocruz, 244p, 2005.

MORADOR – Madson Nicolas, Morador da Cidade do Natal – RN. Natal/RN, 01 de junho de 2016.

PESSOA, Zoraide S.; CAMARA, H. R. S. Sustentabilidade urbana e vulnerabilidade socioambiental: o caso da cidade de Mossoró/RN. In: Zoraide Souza Pessoa. (Org.). **Sociedade e Ambiente: território, desigualdade e vulnerabilidade**. 1ed. São Paulo: Livraria da Física, 2014, v. 1, p. 143-162.

POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Vozes, 2010.

RUBIO, Carlos Junquera. Antropología y desastres naturales: aportes y sugerencias factibles desde la investigación antropológica. **Espacio y Desarrollo**, n. 14, pp. 85 – 110, 2002.

TADDEI, Renzo. Sobre a invisibilidade dos desastres na antropologia brasileira. WATERLAT-GOBACIT Network Working Papers, v. 2, pp. 20-30, 2014.

TEIXEIRA, Rylanneive Leonardo Pontes. **Vulnerabilidade socioambiental e desastres naturais: um estudo de caso da Defesa Civil Municipal de Natal.** 2016. 93f. Monografia (Graduação em Gestão de Políticas Públicas) - Departamento de Políticas Públicas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.